

#62 | MARÇO | 2015

BETAR & ARTES LETRAS

Retratos da Humanidade

A Coleção Franco Maria Ricci no Museu de Arte Antiga ilustra a História da Arte Ocidental.

B|
Betar

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



Dois espetáculos de dança e dois concertos, muito procurados, são as propostas de Março no campo da música. Panda Bear apresenta, no Teatro Maria Matos, o mais recente álbum de originais; ao palco do Teatro Municipal Joaquim Benite sobe o espetáculo “Fica no singelo”, que foi aclamado pela crítica em 2014; ao CCB regressa a premiada companhia Tango Pasión; e os “The Script” chegam ao Meo Arena com mais um concerto.

No dia 27 de Março, Dia Mundial do Teatro, o Teatro Municipal Joaquim Benite tem entrada livre para a peça “Mana solta a gata”, que será uma boa forma de celebrar o teatro; e até ao dia 15 deste mês, no Teatro Nacional D. Maria II, estará em cena a peça “As três (velhas) irmãs”.

Na reta final está a exposição da coleção de Franco Maria Ricci, no Museu Nacional de Arte Antiga, mas ainda pode visitá-la até Abril; no Museu da Eletricidade está também patente em Março a mostra “Almada Negreiros: O que nunca ninguém soube que houve”.

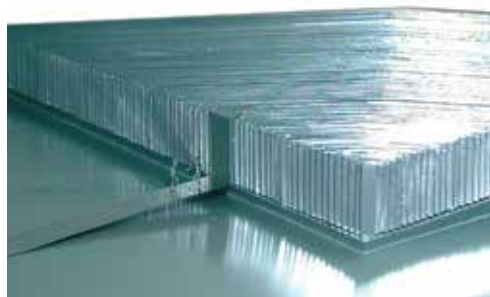
No Porto, uma fábula satânica, com o nome “O Fim das Possibilidades”, subirá ao palco do Teatro Nacional de São João; um trompetista irrepreensível, de seu nome Nate Wooley, vai atuar na Culturgest Porto; e uma exposição invulgar está em exibição no Centro Português de Fotografia.

A entrevista deste número contou com a boa disposição dos arquitetos Telmo Cruz e Maximina Almeida, do MXTstudio. Não deixe de saber o que têm a dizer sobre o seu trabalho e a atualidade da profissão.

MARIA DO CARMO VIEIRA

‘Quando os arquitetos conseguem fazer bem o exercício de construir cidade, isso é um valor em si. Nós sentimo-nos muito bem na cidade.’

O entusiasmo dos arq. **Telmo Cruz** e **Maximina Almeida**, do MXTstudio.
Por Cátia Teixeira



Centro Náutico, Abrantes

Falem-nos do vosso percurso académico, das características de cada um e de como surgiu o MXTStudio.

Maximina Almeida: Eu tinha um grande gosto pela Geometria Descritiva e achava que poderia vir a ser professora da disciplina. O curso de Arquitetura era um dos que permitiria dar aulas e portanto acabei por segui-lo, um pouco nessa perspetiva. Durante o curso, como tínhamos muitos trabalhos em grupo, era quase inevitável aproximarmo-nos de colegas de turma. Comecei a gostar de trabalhar com o Telmo e no final do curso, por volta dos anos 90, decidimos formar o atelier, ainda sem o nome MXTStudio, que surgiu quando ganhámos o primeiro concurso. O Telmo é um excelente líder, é muito organizado e passa essa sistematização para os clientes e para a equipa de trabalho. É muito importante a sua resiliência e a capacidade de levar as coisas para a frente.

Telmo Cruz: No meu caso foi um programa de televisão que me inspirou. Quando eu tinha uns 14 anos, vi um programa, na RTP2, sobre o Le Corbusier e decidi que queria ser arquiteto. A decisão foi tomada com muita determinação. O liceu em Seia não tinha Geometria por



Ponte na 2ª Circular, Lisboa

isso tive de ir para Coimbra. A Maximina faz críticas muito agudas aos processos e, muitas vezes, os projetos dão saltos conceptuais inesperados devido a isso. No caso da ponte da 2ª Circular, o que está construído, que foi o que levámos a concurso, é a segunda versão do projeto. Houve um momento em que as críticas evidenciaram muito outros caminhos, abandonámos as ideias iniciais e avançámos naquele sentido.

O que é que caracteriza o atelier?

T.C.: Tentamos ser muito pragmáticos, perceber desde início o que é realmente importante. O exercício de projeto é bastante desgastante, porque o número de intervenientes é muito vasto, sobretudo nos projetos inseridos na cidade, que são os que nos atraem mais. A intervenção na cidade é muito complexa porque as cidades falam - através das infra-estruturas, das pessoas, das associações, dos políticos... - há um número enorme de agentes e nem sempre suficientemente articulados, devido a interesses discordantes. Por isso, quando os arquitetos conseguem fazer bem o exercício de construir cidade, isso é um valor em si. Não é só a busca do objeto excepcional. As infra-estruturas, por exemplo, são uma

espécie de veias que suportam tudo o resto. Acima de tudo, sentimo-nos muito bem na cidade, e saber que o mundo urbano é o material com que lidamos, é o entusiasmo de todos os projetos.

M.A.: Temos também uma grande capacidade de juntar parcerias, consoante a dimensão, a complexidade, ou os prazos do trabalho. Essa aptidão para agregar outras entidades garante-nos as competências necessárias para a realização de cada projeto. E permite-nos fazer investigação fora das convenções, isto é, são parcerias bastante alargadas no tipo, não são só com outros ateliers mas também com outros agentes. No edifício do Centro Náutico de Abrantes, um projeto realizado com a BETAR, que foi um concurso que também ganhámos, adotámos um sistema construtivo com uma tecnologia de resinas e fibras, que nos garantiu uma singularidade no projeto. Era um material que tornaria o edifício muito eficaz e o mais leve do país. - O desafio do eng. Miguel era impedi-lo de voar... - A obra acabou por não ser construída, porque a Câmara não teve recursos para avançar, mas esta procura de coisas novas faz parte do nosso modo de atuar.



Dedicam-se também ao design de equipamentos. Em que é que consiste?

T.C.: O design de equipamentos surge quando sentimos que não existem soluções na indústria para as diversas situações com que nos deparamos. Quando não encontramos no mercado aquilo que precisamos para resolver os problemas, avaliamos os recursos, chamamos os parceiros e criamos os produtos. As luminárias da ponte da 2ª Circular, por exemplo, foram desenhadas por nós, em parceria com uma empresa de iluminação.

M.A.: O bebedouro que está no exterior do Mercado da Comenda também é um exemplo. Não havia nada que se adequasse ao projeto, por isso criámos. Para não falar no edifício em si, que é de madeira, e que foi construído, com a colaboração do eng. Miguel Villar, antes de existirem a maioria dos edifícios de madeira que há hoje, ainda o Protocolo de Quioto não estava assinado. Neste caso, a questão era como inserir um edifício novo sem criar cisões no local e com as pessoas? Pretendíamos um edifício ligeiro, e a madeira era a melhor solução, ainda para mais, porque não havia muitos outros recursos na zona.

Qual a vossa opinião acerca do estado atual do ensino e da arquitetura em Portugal?

M.A.: Quando éramos estudantes só existiam duas universidades públicas e 200 vagas para arquitetura. Em 1986 começaram a aparecer as faculdades privadas, que abriram o leque. Mais tarde houve uma vaga de encerramento de cursos privados, por falta de qualidade, e atualmente estão a fechar por falta de alunos. Na Autónoma, onde o Telmo dá aulas, sempre houve duas turmas,

neste momento há uma. Na Lusíada, onde eu dou aulas, que abrange uma área muito vasta, o curso reduziu para duas turmas. Em relação ao mercado de trabalho, se tudo o que são trabalhos de arquitetura fossem feitos por arquitetos, e todas as pessoas tivessem capacidade económica e cultural para contratar arquitetos, penso que haveria trabalho para todos. As pessoas não valorizam o trabalho dos arquitetos do ponto de vista monetário, como o fazem no caso dos advogados, nem têm a noção do tempo que demora tomar uma decisão correta.

T.C.: Mas também, se o atual número de arquitetos expressasse uma valorização da arquitetura e do território, o trabalho que há por fazer exigiria a presença de mais arquitetos. Não tem havido a capacidade de fazer passar a mensagem de que a arquitetura é um recurso e um valor. Os projetos têm de ser sempre distintos e devia haver uma estratégia de arquitetura para o território português. Na Suíça, o nível de vida é quatro vezes superior mas o de construção é dez vezes maior. Porque é que há esta sobrevalorização? Porque lá percebem que há muitas vantagens, para o coletivo, em ter um parque arquitetónico competente e chamar as pessoas certas para resolver os problemas certos. Aqui é tudo muito mais atreito ao improvisado e à capacidade de resolver as coisas pontuais. E não há visões de longo curso que promovam um caminho bem articulado para a arquitetura. Em relação ao ensino, o perfil dos alunos também mudou. Na nossa altura, as médias eram muito elevadas e, mal ou bem, os alunos que entravam tinham uma disciplina de trabalho e apetências, porque se tinham esforçado para o conseguir. Hoje é diferente.

Em construção numa das zonas nobres da cidade de Luanda, o Muxima Plaza destina-se a habitação, escritórios e comércio



A BETAR fez nascer em Luanda, o empreendimento Muxima Plaza, situado numa zona nobre da cidade, uma vez que, nas imediações do complexo, encontram-se várias empresas, instituições públicas e entidades privadas relevantes para o país. Composto por 4 edifícios em estruturas de betão armado, tem um segmento abaixo do solo que constitui o embasamento do empreendimento, ocupando a totalidade do lote, representando, na globalidade dos quatro pisos, uma área bruta de construção de 24.832m², destinado a estacionamento, zonas técnicas, arrecadações e pequenas áreas de comércio. O segmento acima do solo é constituído por um conjunto de edifícios de volumetria variável, com ocupações diversas (habitação, escritórios e comércio), representando na totalidade dos pisos uma área bruta de construção de 50.809m². Os edifícios de uso residencial A1/A2 desenvolvem-se em 24 pisos. O Edifício B destina-se a escritórios e desenvolve-se em 15 pisos. Os edifícios C1 e C2 são de uso misto, escritórios e comercial.

Empreendimento Muxima Plaza, Luanda, Angola

Projeto de Estruturas: **BETAR**
 Arquitectura: **CHP Arquitectos**
 Ano projeto: **2013**
 Obra: **em construção**
 Área Bruta de Construção: **24.834 m²** abaixo do solo
50.809 m² acima do solo
 Custo da Obra: **157 M USD**
 Dono de Obra: **Prominvest, Lda.**

CINEMA

“Birdman” e “Grand Budapest Hotel” foram os filmes mais premiados na edição de 2015 dos Óscares da Academia. Eddie Redmayne recebeu o prémio de Melhor Ator em “A Teoria de Tudo”.

Birdman

A inesperada virtude da ignorância



De: Alejandro González Iñárritu
Com: Michael Keaton, Zach Galifianakis, Edward Norton
Gênero: Comédia Dramática
EUA, 2014, M/12, 119 min

Riggan Thomson (Michael Keaton) já foi uma grande estrela de cinema. O papel mais marcante da sua carreira foi o de um super-herói chamado chamado Birdman, numa saga que arrebatou as bilheteiras. Hoje, debate-se com problemas financeiros, assiste à desintegração da família e vive atormentado por dúvidas existenciais, enquanto desespera pelo regresso à ribalta. Para isso, resolve montar, na Broadway, uma peça de teatro que, por um lado, prove a todos que o seu talento vai muito para além do papel de Birdman e que, por outro, lhe devolva o estatuto mediático que julga merecer. Mas no caminho para a estreia surgem vários obstáculos. E o maior de todos eles será o seu próprio ego. Uma comédia negra do mexicano Alejandro González Iñárritu (“Amor Cão”, “21 Gramas”, “Babel”) que tem a particularidade de recorrer ao plano-sequência para dar a ilusão de um movimento contínuo da câmara.

A Teoria de Tudo

Sobre a capacidade de superação



De: James Marsh
Com: Eddie Redmayne, Felicity Jones, Tom Prior
Gênero: Drama, Romance
EUA, 2014, M/12, 123 min

Nascido em Oxford, em 1942, Stephen William Hawking é considerado um dos mais importantes astrofísicos de todos os tempos. Em 1963, enquanto estudante de Física na conceituada Universidade da terra, Stephen está decidido a encontrar uma simples, eloquente explicação para o Universo. Nesta época, já depois de conhecer Jane Wilde, uma jovem estudante de Artes por quem se apaixona, é-lhe diagnosticada esclerose lateral amiotrófica, uma doença incurável e degenerativa que leva à perda permanente de movimento muscular. Os médicos não lhe dão mais de dois anos de vida. Com capacidades físicas a cada dia mais limitadas, casa com Jane, com quem tem três filhos. Com a ajuda dela, supera os maiores obstáculos, sem nunca perder a vontade de viver nem a sua extraordinária capacidade de se assombrar com o Universo. Depois de três décadas de vida em comum, a relação do casal termina e cada um segue o seu caminho...

TEATRO

No dia 27 de Março, Dia Mundial do Teatro, o Teatro Municipal Joaquim Benite tem entrada livre para a peça “Mana solta a gata”. Uma boa forma de celebrar o teatro.



As três (velhas) irmãs

Esta é uma proposta de revisitação do clássico As Três irmãs de A. Tchekov com um elenco de atrizes seniores. Neste espetáculo, as biografias das atrizes confundem-se com as das personagens de um dos textos de repertório mais amados de todos os tempos. Entre memórias, confissões e fantasias, disserta-se sobre o fim de uma época e a nostalgia de um passado feliz. O que une este elenco de atrizes é o amor e dedicação que têm pelo seu trabalho e a vontade de continuarem a representar para todo o sempre. Tchekov levanta nesta obra a problemática do fim de uma sociedade que se fartou de prometer, assim como o fim de todos os ideais e sonhos. A descrença, o medo e a vontade de mudar, povoam estas personagens enquanto ensaiam estratégias de fuga aos problemas das suas vidas.

Teatro Nacional D. Maria II

Até 15 de Março
Encenação: Martim Pedroso
Interpretação: Graça Lobo, Mariema, Paula Só, Martim Pedroso

Mana solta a gata

António Pires tem vindo a desenvolver, desde 1990, um trabalho que poderá ser descrito como teatro coreográfico, onde o texto e as imagens se fundem. O encenador desejava, há muito, trabalhar os textos de Adília Lopes, por considerar que o estilo da poetisa, aparentemente coloquial e naïf, está repleto de jogos fonéticos, associações livres e rimas infantis. Em “Mana solta a gata”, Pires criou uma “coreografia hiper-realista” na qual duas mulheres gordas, interpretadas por dois homens, andam e dizem o que Adília Lopes escreveu. No entanto, “nada é grotesco”. Adília Lopes é o pseudónimo literário de Maria José da Silva Viana Fidalgo de Oliveira, poetisa e cronista cujas principais influências literárias são Sophia de Mello Breyner Andresen e Ruy Belo.

Teatro Municipal Joaquim Benite

Dia 27 de Março
Encenação: António Pires
Interpretação: Hugo Mestre Amaro, João Araújo e Rafael Fonseca



Dois espetáculos de dança e dois concertos, muito procurados, são as propostas de Março no campo da música. Cada um com o seu estilo próprio para agradar aos mais variados gostos



Panda Bear

Dia 11 de Março no Teatro Maria Matos

CONCERTO

Panda Bear apresenta neste concerto o mais recente álbum de originais, composto por um novo lote de canções, sempre fiéis a um psicadelismo que tem habitado todos os álbuns e, claro, a obra dos Animal Collective. Um trabalho construído em estúdio em Portugal, onde Noah Lennox vive. É, aliás, na sua terra de adoção, que Panda Bear irá terminar a primeira parte da digressão, num concerto há muito aguardado.



Fica no singelo

Dia 20 de Março no Teatro Municipal Joaquim Benite

DANÇA

“Fica no singelo” foi considerado pela crítica Luísa Roubaud o “Melhor Espectáculo de Dança de 2014”. A distinção aplaudiu a corajosa incursão num domínio tão pouco explorado como o folclore português, e congratulou a reconfiguração contemporânea de outras danças tradicionais. O diálogo estabelece-se entre a trepidação urbana dos dias que correm e o ritmo do tempo onde a dança era o centro de rituais e celebrações.



Tango Pasión

Dias 21 e 22 de Março no CCB

DANÇA

A premiada companhia Tango Pasión está de regresso a Portugal com “Sinfonía de Tango”, um tributo à música de Astor Piazzolla. Com direção musical de Gabriel Merlino, a sexteto Tango Pasión interpreta temas do compositor argentino, entre outros, para coreografias assinadas por Osvaldo Ciliento e apresentadas por 12 extraordinários bailarinos.



The Script

Dia 1 de Abril no Meo Arena

CONCERTO

Os irlandeses “The Script” vão passar por Lisboa para apresentarem, em primeira mão, o quarto longa duração da banda, “No Sound Without Silence”. A banda, formado por Danny O’Donoghue, Mark Sheehan e Glen Power, já vendeu mais de 20 milhões de álbuns em todo o mundo, contando atualmente com três discos dupla platina, e venceu um Music Award, três Meteor Awards e foi nomeada para dois Brit Awards.



Concertos em março

por António Cabral

Duas óperas de Rossini, uma de Mozart (interpretada por jovens), uma obra muito importante de Haydn, o habitual grande concerto de Páscoa da Gulbenkian (com Bach e Haendel) e três Recitais de piano de grande qualidade, fazem deste um nom mês.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

5/3 às 21 horas e 6/3 às 19 horas (Grande Auditório)
“As sete últimas palavras de Cristo na Cruz”, a obra prima de Joseph Haydn, na sua versão para Orquestra Sinfónica. Entre cada “palavra musical”, um narrador, Diogo Infante, lerá textos religiosos, filosóficos e literários do património europeu, acompanhados de imagens de Jerusalém e ao som da Orquestra Gulbenkian, com direção de Paul McCreesh.

14/3 às 17 horas (Grande Auditório)

Transmissão da temporada de ópera do MET de Nova Iorque. Neste mês teremos “La donna del lago” de G. Rossini. Elenco de Luxo: Joyce DiDonato, Daniela Barcellona, Juan Diego Flores, John Osborn e Oren Gradus. Dir. Michele Mariotti.

19/3 às 21 horas e 20/3 às 19 horas
(Grande Auditório)

O habitual concerto de Páscoa dirigido por Miguel Corboz, coro e orquestra da Gulbenkian, o Ensemble Barroco, Divino Sospiro e solistas. No programa obras de J.S.Bach e Haendel.

22/3 e 24/3 às 19 horas (Grande Auditório)

Dois concertos pelos grandes pianistas Grigory Sokolov (22) e Andrés Schiff (23). Qualquer que seja o programa, serão certamente grandes interpretações.

28/3 às 19 horas e 31/3 às 21 horas
(grande Auditório)

Dois concertos pela Gustav Mahler Jungendor-

cheste, fundada em 1986 pelo falecido Maestro Claudio Abbado e, nestes concertos, dirigida por Leo McFall. Nos programas Webern, Bartok, Dvorak e Prokofiev.

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

8/3 às 17 horas (Grande Auditório)

Orquestra Sinfónica Portuguesa; coro do T.N.S.C.; Maria José Montiel (m.s.); direção de Joana Carneiro. No programa uma das melhores sinfonias de Mahler, a nº 3.

15/3 às 17 horas (Grande Auditório)

Recital pelo pianista Russo Denis Kozhukhin. No programa Haydn, Brahms, Ligeti, Rachmaninov e Balakirev.

29/3 às 17 horas (Grande Auditório)

Orquestra de Câmara Portuguesa; dir. Pedro Carneiro. Interpretam as segundas sinfonias de dois grandes sinfonistas: Brahms e Schumann.

THEATRO THALIA

7/3 às 21,30 horas

A ópera “D. João” pelos participantes do Atelier de Ópera que teve a direção vocal e cénica de Jorge Vaz de Carvalho. Coro Lisboa Cantat; direção de Pedro Amaral. Espectáculo com cantores amadores. É verdade! Mas é nestes acontecimentos que encontramos, por vezes, a alegria genuína de interpretar o mestre Mozart.

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

25, 27, 30/3 e 1/4 às 20 horas e 29/3 às 16 horas

“La Cenerentola” (A Gata Borrallheira), uma das melhores óperas de Rossini. Produção do Teatro S. Carlos de Nápoles. Encenação Paul Curran. Intérpretes principais: Chiara Amarù, Jorge Franco e Luís Cansino. Coro do TNSC. Orquestra Sinfónica Portuguesa. Dir. Pedro Neves.

ARTES

Está na reta final a exposição da coleção de Franco Maria Ricci, em Lisboa. Pela primeira vez fora de Itália, há 100 obras patentes no Museu Nacional de Arte Antiga, só até Abril

MUSEU DA ELETRICIDADE

Almada Negreiros: O que nunca ninguém soube que houve

Até 29 de Março

Esta exposição apresenta cerca de 70 obras de Almada Negreiros, na sua maioria desenhos, pinturas e livros de artista, nunca antes apresentados em exposição. As peças são provenientes do espólio da família, de coleções privadas e de instituições públicas. As obras expostas, pela primeira vez no Museu da Eletricidade, estarão patentes até 29 de Março de 2015, ano em que se assinala o centenário da revista “Orpheu” na qual Almada teve uma participação fundamental, tendo sido determinante para que a publicação não se restringisse à área das letras. Esta mostra revela assim parte da herança deixada por um dos mais importantes artistas portugueses do século XX; figura ímpar no panorama artístico que ocupou uma posição central na primeira geração de modernistas portugueses.



MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

Coleção Franco Maria Ricci: retratos da humanidade

Até 12 de Abril

Pela primeira vez fora de Itália, 100 obras de pintura e de escultura, da coleção de Franco Maria Ricci, estão patentes no Museu Nacional de Arte Antiga. A mostra guia-nos numa fascinante viagem pela arte do retrato, do século XVI ao século XX, através de nomes como Filippo Mazzola, Jacopo Ligozzi, Philippe de Champaigne, Bernini, Canova ou Thorvaldsen, entre muitos outros, que espelham o gosto heterodoxo do colecionador e ilustram, de forma singular, a história da arte ocidental. Para além desta exposição temporária, é de lembrar que o Museu Nacional de Arte Antiga alberga a mais relevante coleção pública do nosso país: pintura, escultura e artes decorativas, da Idade Média até ao século XIX, incluindo o maior número de obras classificadas como “tesouros nacionais”.

PORTO

Uma fábula satânica, um trompetista irrepreensível e uma exposição invulgar são algumas das propostas culturais do Porto para o mês de Março. Se puder, não as dispense

teatro



O Fim das Possibilidades

De 13 a 27 de Março no Teatro Nacional de São João

Ensaísta e dramaturgo, pensador e fazedor, Jean-Pierre Sarrazac imagina o autor de teatro contemporâneo “como alguém que dorme em pé e que sonha tornar-se velador do mundo real”. Afinal, o teatro é o espaço e o tempo onde nos podemos encontrar para reunir forças. E sonhar coletivamente com o fim e o princípio de todas as possibilidades. “O Fim das Possibilidades” dá corpo a este manifesto. Deus e Satã procuram uma solução para resolver a crise que decretou o fim do futuro. Esta fábula satânica, em estreia mundial, projeta um retrato tragicómico e grotesco da era de todas as incertezas: a nossa.

música



Nate Wooley

Dia 26 de Março na Culturgest Porto

Nate Wooley tornou-se um dos mais requisitados trompetistas nas comunidades de jazz, tendo vindo a tocar de forma regular com ícones como John Zorn, Anthony Braxton, Evan Parker ou Yoshi Wada. O seu estilo original tem sido conotado com uma revolução motivada para a transformação da expressividade do trompete, revelando um domínio técnico extraordinário do instrumento e uma vontade clara em redefini-lo no campo do jazz clássico interpretativo.

artes



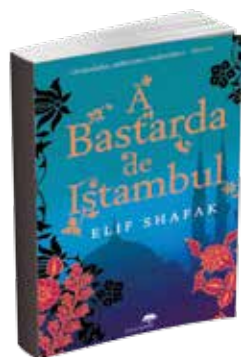
Evocar a sede para nomear a água

Até 14 de Junho no Centro Português de Fotografia

A identidade da comunidade Touareg apresenta a sua expressão central na palavra, escrita e oral. Assim, a poesia, os provérbios e a música, recolhidos e registados nos dois últimos séculos, simbolizam o nomadismo que os caracteriza. Esta exposição evoca um dos pilares deste universo: a água, no seu quotidiano e na sua simbologia, como matriz das viagens alegóricas, onde a sede e a solidão conduzem ao interior do universo Touareg.

LIVROS

A dura realidade da capital da Rússia soviética e o tumultuoso passado da Turquia são os temas abordados nestas duas obras literárias. São duas novidades de 2015



Mikhaíl Bulgákov *O Mestre e Margarita*

O "Mestre e Margarita" foi a última obra de Mikhaíl Bulgákov. O seu processo de criação foi extremamente conturbado, tendo as ideias iniciais surgido por volta de 1920. Após incontáveis vicissitudes, o romance viria a ser concluído só perto de 1940 e publicado vinte e seis anos mais tarde. Inspirado pelos dois temas que marcavam a sociedade russa da época, uma campanha antirreligiosa acérrima e uma forte repressão da produção criativa livre, Bulgákov escreve uma obra incontornável sobre a realidade da grande capital da Rússia soviética, que o autor trata recorrendo a um realismo fantástico profundamente satírico e humorístico. "O Mestre e Margarita" viria a ser reeditado quinze vezes na Rússia e traduzido para cerca de 180 línguas. Reaparece agora em português, para quem não leu.

Elif Shafak *A Bastarda de Istambul*

Numa tarde de chuva em Istambul, uma mulher decide fazer um aborto. Tem dezanove anos e é solteira. O que acontece naquela tarde mudará para sempre a sua vida. Vinte anos mais tarde, Asya Kazanci vive com a família na capital turca. Todos os homens Kazanci morrem aos quarenta e poucos anos, e por isso é apenas uma casa de mulheres: a mãe de Asya, Zeliha, que dirige um estúdio de tatuagens; Banu que descobriu recentemente que é vidente; e Feride que é uma hipocondríaca obcecada com a iminência de uma tragédia. A elas vai juntar-se a prima de Asya, Armanoush, que vem para ficar. É então que os segredos da família, há muito tempo escondidos, começam a ser revelados, bem como situações relacionadas com o passado tumultuoso da Turquia. Um romance ambicioso e exuberante que o vai surpreender.

LÁFORA

Cerca de 300 obras de Sigmar Polke estarão no Museu Ludwig, em Colónia, na Alemanha. Uma exposição totalmente aconselhada. Contudo, se não é fã de Polke, há outras propostas "lá fora"



National Gallery, Londres

Inventando o Impressionismo

De 4 de Março a 31 de Maio

O impressionismo tornou-se um dos mais queridos movimentos de pintura, mas na época era altamente controverso. Se não fossem os esforços de comerciantes de arte como Paul Durand-Ruel, que defendeu incansavelmente os gostos de Monet, Pissarro, Degas e Renoir, muitas das suas maiores obras nunca teriam vingado. Esta exposição inclui 70 obras-primas que Durand-Ruel ajudou a impulsionar, através de estratégias de negócio revolucionárias que inverteram o destino do impressionismo.

Museu Ludwig, Colónia

Sigmar Polke

De 14 de Março a 5 de Julho

Depois de expostas no MoMA, em Nova Iorque, e na Tate, em Londres, cerca de 300 obras de Sigmar Polke estarão no Museu Ludwig, em Colónia, na Alemanha. Esta é a primeira retrospectiva abrangente de um dos artistas mais renomados e influentes da geração do pós-guerra. Polke foi um observador atento aos acontecimentos contemporâneos na Alemanha Ocidental e refletiu sobre a história alemã como nenhum outro.



Museu do Prado, Madrid

Dez Picassos do Museu de Belas Artes de Basileia

De 18 de Março a 13 de Setembro

Durante a primavera e o verão de 2015, o Museu do Prado vai ter em exposição dez obras de Pablo Picasso pertencentes à coleção do Museu de Belas Artes de Basileia (Kunstmuseum). Através destas obras, datadas entre 1906 e 1967, é possível assistir a uma pequena retrospectiva do artista espanhol, juntamente com algumas das obras-primas do Prado.



B
Betar

**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

**ALGUNS TRABALHOS
CONJUNTOS COM
OS MXTSTUDIO**

**MERCADO PÚBLICO
DA COMENDA**